

Colóquio de Homenagem ao Poeta Cabo-verdiano Jorge Barbosa

22 de maio de 2019
CHAM /NOVAFCSH
Edifício ID, Sala Multiusos 2
14:00-17:00h

14:00-14:20h – Receção dos participantes

14:20-15:50h – Conferências

Moderação: Noemi Alfieri (Doutoranda na NOVA FCSH e Assistente de Investigação do CHAM)

Hans-Peter Heilmair – Lonha (Doutor com uma tese sobre a Literatura Cabo-verdiana e Professor)

Posicionamento da Obra e Atuação de Baltasar Lopes da Silva na Luta pela Dignificação da Cultura e Língua Cabo-verdiana

Joaquim Saial (Mestre em História de Arte e Professor)
Jorge Barbosa, o Ilhéu Consciente

José Luís Hopffer Almada (Poeta e Ensaísta)

Reminiscências da Negritude e da Afrocrioulitude na Escrita dos Claridosos, em especial na Poética de Jorge Barbosa e Osvaldo Alcântara

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz (Investigador da NOVA FCSH e Investigador Integrado do CHAM)

Reflexos do Quotidiano Cabo-verdiano no “Poema Memorial de São Tomé – Suelos Poéticos” de Jorge Barbosa e na Obra *Famintos* de Luís Romano

15:50 -16:00h – Debate

16:00-16:20h – Intervalo

16:20-16:50h – Recital de Poesia (Lisneia, Tamilton Teixeira, Joseph da Costa, Maria Vitória, Bianca Aguilar, Edgar Teles, Marlene Nobre, Luís Tomar, Carlota de Barros e Abílio Alves).

16:50-17:00h – Intervenção de Maria Teresa Segredo (Embaixadora da Rede de Voluntariado de Cabo Verde na Europa)

Colóquio de Homenagem ao Poeta Cabo-verdiano Jorge Barbosa

22 de maio de 2019
CHAM /NOVAFCSH
Edifício ID, Sala Multiusos 2
14:00-17:00h

14:00-14:20h – Receção dos participantes

14:20-15:50h – Conferências

MODERAÇÃO

Noemi Alfieri (Doutoranda na NOVA FCSH e Assistente de Investigação do CHAM)

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Espanhol e Português) pela Università degli Studi di Torino, Itália, concluiu o Mestrado em Línguas e Literaturas Modernas (Português) na mesma faculdade, com a tese *Pepetela e as Aventuras de Ngunga: alla scoperta dell'identità angolana*. É doutoranda em Estudos Portugueses na FCSH-Universidade NOVA de Lisboa e Assistente de Investigação do CHAM, Centro de Humanidades. Conduz a sua investigação sobre o tema *(Re)Construir a Identidade Através do Conflito: uma Abordagem às Literaturas Africanas em Língua Portuguesa (1961-74)*. Integra o grupo de investigação Leitura e Formas d' Escrita e colabora com as linhas temáticas de Estudos Africanos e História das Mulheres e do Género. É membro da Comissão Organizadora do IV CHAM Conference - *Innovation, Invention and Memory in Africa*.

ORADORES

Hans-Peter Heilmair (Lonha), Doutor com uma tese sobre a Literatura Cabo-verdiana, foi docente na área de Português nas Universidades de Freiburg (Alemanha), Zürich e Fribourg – Suíça (1990-1996) e ministrou ações de formação contínua de professores sobre as interferências do crioulo de Cabo Verde no português (1995-2000) e a disciplina de Alemão no curso de Turismo, no INP e no ISLA – Universidade Europeia (2000-2004 e 2009-2013). Também lecionou e participou num projeto de produção de materiais didáticos bilingues português/crioulo, na ESE João de Deus, Lisboa (2002-2004); um módulo no Mestrado em Pedagogia na Universidade de Santiago, em Assomada, Cabo Verde (2017) e leciona o curso de Língua Cabo-Verdiana na Associação Caboverdeana de Lisboa (desde 2015).

Autor do romance *Chiquinho*, de contos, ensaios e poesias (enquanto Osvaldo Alcântara), Baltasar Lopes é também autor de uma obra de índole linguístico e cultural, *O Dialeto Crioulo de Cabo Verde*. Sendo hoje óbvio que o crioulo de Cabo Verde não é nenhum dialeto, classificação que deve ser encarada no contexto do regime colonial e da imposição ou de definições a ele inerente, senão uma língua de pleno direito, é interessante abordar a temática do posicionamento do próprio autor e daquele que lhe possa ser atribuído quanto à independência cultural de Cabo Verde e da sua língua.

Abordar-se-á, nesta comunicação, o enunciado da obra de Baltasar Lopes em termos de definição e defesa dos valores culturais, tendo em conta, quanto à sua veiculação mais implícita ou explícita, os condicionalismos políticos vigentes na altura da sua publicação,

questão a que, aliás, o próprio autor se haveria de referir em retrospectiva. Entram, portanto, os aspetos da afirmação subjetiva e objetiva e do seu carácter relativo, assunto tanto mais interessante quanto o autor viveu a transição entre as duas épocas, antes e depois da independência.

Joaquim Saial é Mestre em História da Arte pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Licenciado em Ciências Humanas e Sociais pela mesma Universidade e em Serviço Social pelo Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Possui, ainda, o diploma de Estudios Superiores da Universidade de Salamanca. Foi professor de História da Arte na Licenciatura em Turismo do Instituto Superior de Novas Profissões e do 2.º e 3.º ciclos do ensino público português, tendo-se aposentado em 2012. Na Universidade Católica Portuguesa – Escola das Artes, Extensão de Lisboa, criou e dirigiu a cadeira de Arte Pública do Século XX, do Mestrado em Arte Contemporânea. Além de outras atividades, tem participado em conferências em universidades portuguesas, na Fundação Calouste Gulbenkian, onde foi bolseiro, e em outras instituições culturais nacionais e estrangeiras. Tem várias publicações e é Cidadão Honorário da Ribeira Grande Santiago (Cidade Velha), ilha de Santiago, Cabo Verde.

Jorge Barbosa é “o poeta” de Cabo Verde, sem competidor à altura, em vida e no género, no território verdiano. Sem estudos superiores, mas com significativas leituras e lata curiosidade intelectual, o facto de ter exercido a profissão de aduaneiro não o impediu – antes o enriqueceu em vivências – de prosseguir uma via literária de elevada qualidade, ao nível da dos seus contemporâneos continentais europeus e brasileiros mais importantes, com muitos dos quais privou, ainda que apenas por correspondência trocada.

A poética barbosiana obedece à assunção do aprisionamento próprio da condição insular. Patente em parte significativa das suas criações, mostra amiúde a contradição entre o ir e o ficar, entre o gosto de partir à descoberta do mundo além-mar e a vontade de permanência no rincão natal: “a minha assinatura e a minha renúncia, / que fez com que todas as viagens / nunca passassem do cais da ilha de S. Vicente”, por contraposição a “Navio aonde vais (...) / Leva-me contigo / navio / Mas torna-me a trazer!” No entanto, também a consciência política nela se pressente, como num poema que dedica a Marcelo Caetano, onde diz que os seus ouvidos e a sua alma “estão cheios apenas dos ecos que ficam dois gritos e das aflições da vida”.

José Luís C. Hopffer Almada, poeta, ensaísta, jurista, analista e comentador político, é Pós-graduado em Ciências Jurídicas, Ciências Políticas e Internacionais e em Ciências Jurídico-Urbanísticas pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa. Licenciado em Direito pela Universidade Karl Marx, de Leipzig na antiga República Democrática Alemã (RDA), é detentor de uma vasta experiência profissional, nomeadamente como Técnico Superior da Secretaria Geral do Governo, da Secretaria de Estado da Promoção Social, do Instituto Nacional da Cultura e do Instituto Nacional da Investigação e da Proteção Culturais. Além de estar representado em diferentes coletâneas, antologias poéticas e ensaísticas nacionais e estrangeiras, é autor de vários estudos, ensaios e poemários, a registar: *Sonhos Caminhantes* (2017); *Rememoração do Tempo e da Humidade (Poema de Nzé de Sant’ y Ago)* (2015/2016); *Praianas (Revisitações do Tempo e da Cidade)* (2009); *Assomada Noturna (Poema de NZé di Sant’ y Águ)* (2005); *Assomada Noturna* (1993); e *À Sombra do Sol, Volume I e Volume II* (1990). Tem participação regular em colóquios, conferências e congressos em países como Cabo Verde, Senegal, Cuba, Bélgica, Brasil, Angola, Portugal, Holanda, Suíça, Moçambique e a Itália.

Foi condecorado com a Medalha de Mérito Cultural de Primeira Classe, do Governo de

Cabo Verde, e com a Medalha da Ordem do Vulcão, outorgado pelo Presidente da República de Cabo Verde.

Os claridosos e a revista na qual se foi buscar o seu nome de batismo celebrizaram-se por terem inaugurado em Cabo Verde uma escrita moderna de feição telúrica e na qual há uma ampla comunhão entre a terra e o homem caboverdiano, sendo este o protagonista quase exclusivo do seu destino. Lastro comum dessa escrita é a caboverdianidade entendida como a criouliidade historicamente sedimentada e enraizada nas ilhas e de que o idioma crioulo caboverdiano é a principal expressão. Amiúde foi essa criouliidade entendida como excludente da matriz negro-africana, significando por isso uma forma exacerbada de diluição de África, como atestado, por exemplo, em vários escritos de Baltasar Lopes da Silva.

Todavia muitas são as reminiscências da negritude e da afrocriouliidade na escrita tanto poética como ficcional e ensaística dos claridosos, como se tentará comprovar na nossa palestra.

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz, Investigador da NOVA FCSH e Investigador Integrado do CHAM, Centro de Humanidades, foi Bolseiro Pósdoc. do CHAM, de julho de 2015 a junho de 2018. É Doutor em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa (2013), Mestre em Estudos Portugueses, especialização em Estudos Literários (2008), Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, Variante de Estudos Portugueses (2006), pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa. Possui uma vasta experiência profissional, nomeadamente no ensino público português, no setor editorial e na bibliotecnia. Além de artigos publicados por *peer review* em livros e revistas, tem participado em vários congressos internacionais em Portugal, Cabo Verde, Itália e Polónia. Tem participação em júris de provas de mestrado e é coorientador de uma tese de doutoramento. É membro de algumas redes de investigação, nomeadamente sobre Angola. É, igualmente, membro da Comissão Organizadora do IV CHAM *Conference - Innovation, Invention and Memory in Africa*.

Pretendemos, com esta comunicação, apresentar uma breve reflexão do poema “Memorial de São Tomé – Suelos poéticos”, de Jorge Barbosa, e da obra *Famintos* (1962), de Luís Romano. Trata-se de uma abordagem que, além de visar evidenciar algumas abordagens testemunhais e reivindicativas dos dois autores, procura mostrar que a saída dos cabo-verdianos para as Roças de São Tomé resulta das dificuldades internas vividas nas ilhas, sobretudo quando não chovia, visto que a queda da chuva simboliza, algumas vezes, um ano agrícola favorável e mantimentos em abundância. Contudo, a sua irregularidade, distinguida por grandes secas, tem feito com que o cabo-verdiano se confronte, em certos períodos de tempo, com épocas de estiagem, com consequências dramáticas na agricultura e na criação de gado.

Quando não chove, os agricultores e a maioria dos residentes acabam por ser as grandes vítimas, dada a carência de géneros básicos de subsistência, mormente o milho. Ora, a seca cria, portanto, nos cabo-verdianos a necessidade de procurarem alternativas para os seus problemas.